

# humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA  
MCMLXXI-MCMLXXII



Conviria ter esclarecido que Erasmo não tinha qualquer dúvida sobre não serem os *Disticha* da autoria de Catão: «Catonis ob id tantum arbitrator dici, quod sententias habeat Catone dignas» — escreveu ele no prefácio da sua edição de 1513. Por outro lado, o texto já era popular antes da edição de Erasmo, e não menos no século xv do que no seguinte.

A propósito, e para o leitor português, recordarei que a voga dos *Disticha Catonis* é confirmada por Gil Vicente que na boca da Forneira da *Tragicomédia do Inverno e do Verão*, em 1529, coloca estas palavras:

*Meu Senhor, contra verbosos  
noli contendere verbis.*

Tive ocasião de mostrar (1) que *contra verbosos noli contendere verbis* é um hexâmetro dactílico dos *Disticha Catonis*, mas não sei se Gil Vicente o leu em Erasmo ou em outra edição qualquer.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

T. A. DOREY, *Erasmus* edited by ... Chapters by MARGARET MANN PHILIPS, A. E. DOUGLAS, J. W. BINNS, B. HALL, D. F. S. THOMSON e T. A. DOREY. Routledge & Kegan Paul, Londres, 1970, x + 164 páginas.

Na colecção «Studies in Latin Literature and its Influence», editada por D. R. Dudley e T. A. Dorey, depois dos volumes *Cicero*, *Lucretius*, *Roman Drama*, *Latin Historians*, *Latin Biography*, *Virgil* e *Tacitus*, acaba de sair este *Erasmus*, decerto motivado proximamente, como aconteceu com a biografia de G. Faludy atrás recensada, pela ocorrência em 1969 do quinto centenário do nascimento do humanista holandês.

Dos seis estudos incluídos no volume, o inicial «I — Erasmus and the Classics», devido a Margaret Mann Philips, investigadora com outros trabalhos publicados sobre Erasmo (cf. p. 130), é um dos melhores. Com vigor, a A. acentua a posição do humanista perante os clássicos latinos, desde os dias da juventude em que começou a escrever o *Antibarbari*, só publicado mais tarde, a saber, «que voltar-se para a bela literatura do passado não era afastar-se do Cristianismo e dos valores cristãos, como diziam os inimigos dos clássicos, mas que tudo quanto é grande no pensamento humano pode ser utilizado para a glória de Deus». Essa era em Portugal a posição

---

(1) Em *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969, p. 162 e segs.

de Cataldo Sículo, em 1499, na carta ao marquês de Vila Real, D. Fernando de Meneses, contra os *theologiculos* que atacavam Virgílio e o latim literário (1).

A atitude equilibrada de Erasmo na defesa do bom latim, mas não limitado ao uso ciceroniano, está magistralmente delineada no trecho seguinte que não resisto a citar em versão portuguesa: «Podemos ver os tipos de inimigos com quem ele teve de haver-se, toda a vida, em defesa da Nova Cultura. Primeiro, era o grupo reacionário, fiel aos métodos da teologia escolástica, que olhava todas as relações com a literatura pagã como perigosas e o Grego como particularmente herético. Os chefes desta facção eram os teólogos das universidades, Paris ou Lovaina, por exemplo, e algumas ordens religiosas (especialmente, na opinião de Erasmo, os franciscanos). Mas o perigo vinha do lado oposto também, e no diálogo *Ciceronianus* (1528) Erasmo lançou um ataque contra os partidários entusiastas da literatura clássica, que eram capazes de banir o uso de qualquer expressão que não ocorresse em Cícero, assim excluindo os estudos clássicos do mundo moderno. Por detrás deste purismo estreito, ele farejava o rasto de ideias neo-pagãs, de origem italiana. E em terceiro lugar, a violência de alguns dos reformadores tornava-os, segundo ele, o maior obstáculo no caminho do resultado por que ansiava, a saber, o triunfo pacífico do humanismo cristão. As intenções de Erasmo eram bem definidas: não exagerar o papel dos clássicos, mas extrair deles aquela influência de alargamento e amadurecimento espiritual que lhe parecia profundamente adequada ao Cristianismo».

A A. mostra seguidamente como Erasmo considerava que a formação adquirida nos bons autores latinos estava incompleta sem o conhecimento do Grego (p. 7); trata do seu gosto por Horácio em quem, entre todos os poetas, descobria maiores afinidades consigo próprio; da superioridade que atribuía aos escritos filosóficos de Cícero sobre as enfadonhas dissertações teológicas do século XVI; e da elevação da filosofia moral ciceroniana, quando comparada com a maneira como de facto viviam os cristãos do seu tempo, incluindo teólogos e frades: «Ao ler os clássicos, Erasmo viveu sempre preocupado com esta comparação. Como era possível que escritores pré-cristãos pudessem exprimir ideais muito mais elevados do que a prática cristã?» (p. 13).

A sua actividade de editor de textos críticos, com todas as limitações de uma época em que a Paleografia e os métodos de Crítica Textual estavam na sua infância, além disso a falta de bons manuscritos e de cópias dos que existiam, e ainda a sua pressa de polígrafo sempre solicitado por novas tarefas, fizeram dele mais um divulgador do que um bom editor dos clássicos. Aliás, ao publicar os autores antigos, Erasmo pensava sobretudo nos jovens leitores a quem eles podiam ser úteis. A este respeito, M. A. Philips detém-se na obra pedagógica de Erasmo, quer original, quer de divulgação. Enfim, um excelente estudo este de «Erasmus and the Classics» que me agradaria ver traduzido por alguém competente, isto é, com o conhecimento das três línguas indispensáveis para o efeito: português, inglês e ...latim.

O segundo capítulo, da autoria de A. E. Douglas, trata de «Erasmus as a Latinist». Depois de referências gerais à sátira nos *Adagia* e nos *Colloquia*, termina analisando o *Encomium Moriae*, o *Julius Exclusus* e o *Ciceronianus*.

---

(1) Cf. A. Costa Ramalho, «A Introdução do Humanismo em Portugal», *Humanitas*, xxiii-xxiv, 1971-72, p. 439

Noto que entre as leituras renascentistas de Erasmo, e com directa influência no tom dos *Colloquia*, falta na p. 44 a menção de Ioannes Iouianus Pontanus, não menos «lucianesco» que o próprio Erasmo.

O terceiro capítulo, «The letters of Erasmus», é de J. W. Binns, e lê-se desenfatiadamente. O A. recorda que sobreviveram cerca de 1600 cartas escritas por Erasmo e analisa os diferentes géneros do epistolário erasmiano. Apesar do seu tom voluntariamente desprezioso, muitas das cartas revelam preocupações morais com a vida e com a morte. O pensamento do final da existência terrena provoca com frequência no humanista a floração do melhor da sua filosofia cristã.

O quarto capítulo, de B. Hall, «Erasmus: Biblical Scholar and Reformer», ao contrário do que seria de supor, é dos mais acessíveis e de leitura mais agradável. Que diferença entre a exposição de Hall e a de alguns daqueles que, entre nós, mais recentemente, se vêm ocupando de Erasmo na Cultura Portuguesa! De alguma coisa serve ler Erasmo no original! E também não admira que esses tais votem contra o latim, quando chamados a pronunciar-se sobre o seu valor!

Pertence a D. F. S. Thomson o capítulo «V — The latinity of Erasmus». Aí se tenta caracterizar o estilo de Erasmo, estilo rico, variado, sem receio do vocabulário e construções poéticas, de palavras tardias e bíblicas e de criações renascentistas, mas acima de tudo ductilmente erasmiano. Thomson cita, entre as inovações do roterdamês, a latinização duma palavra germânica para designar «amarelo», cor pouco definida no vocabulário latino. Assim, ele criou *gilvus*.

Finalmente, ao editor desta colectânea de estudos, T. A. Dorey, coube o último capítulo: «VI — The Middle Ages, Erasmus and the Modern Reader», uma análise estilística muito mais da tradição medieval inglesa da historiografia latina do que de Erasmo. Sobre este, o A. escreve: «As suas opiniões sobre educação eram progressivas e humanas, e mais de acordo com a visão educativa do nosso tempo, do que muitas das ideias da Inglaterra vitoriana» (p. 156).

Enfim, um bom livro com alguns capítulos excepcionais, dependendo a escolha das preferências do leitor. Impressionaram-me, particularmente, o primeiro e o quarto.

A. C. R.

**ODETTE SAUVAGE, L'itinéraire Érasmien d'André de Resende (1500-1573).** Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1971, 196 páginas.

Vimos atrás dois livros cuja publicação foi certamente determinada pelas comemorações do quinto centenário do nascimento de Erasmo, realizadas em 1969. O presente livro de Odette Sauvage, distinta investigadora do Humanismo em Portugal (1), deve juntar a esta intenção uma outra: a do quarto centenário da morte

(1) Cf. A. COSTA RAMALHO, «A propósito de Luísa Sigeia», *Humanitas XXI-XXII*, 1969-70, 403-414.